

## UM CONVITE À ESCRITA DE NARRATIVAS PEDAGÓGICAS

Juliana Batista Faria<sup>1</sup>

Belo Horizonte, 19 de junho de 2023.

Caro(a) colega,

É com muita alegria que escrevo o texto de abertura desta edição da Revista Pró-Professor, com o objetivo de convidar você, que é profissional da educação, a escrever narrativas pedagógicas. Não foi por acaso que escolhi escrevê-lo na forma de carta, contando a você um pouco da minha história profissional e imaginando que estamos juntos(as) à mesa, tomando um café bem mineiro e conversando sobre nossas experiências. É exatamente com esse espírito de conversação – ação de *versar* com – que a Revista Pró-Professor quer se constituir espaço de partilha do saber docente, viabilizando a publicação de textos que narrem a experiência pedagógica.

Sou professora de matemática, há doze anos atuo com crianças de 4º a 6º ano de minha escola. Ao longo de minha carreira, também atuei nos anos finais do ensino fundamental e na educação com pessoas jovens, adultas e idosas. Ao mesmo tempo, sou professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pois minha escola – o Centro Pedagógico – é um colégio de aplicação dessa universidade, ou seja, um lugar que tem a missão de desenvolver pesquisas educacionais sobre a educação básica e de ser um campo de experimentação para a formação de professores e de outros profissionais da educação.

Desde a minha pesquisa de doutorado (FARIA, 2018), realizada nos anos de 2014 a 2018, tenho me dedicado a investigar narrativamente as experiências pedagógicas de professores em formação inicial (estudantes das licenciaturas). Venho aprendendo a fazer isso por meio da Documentação Narrativa

<sup>1</sup> Professora do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Experiências de Formação e Narrativas de Si da UFMG e integrante do *Nodo San Fernando/Norte* da *Red Formación Docente y Narrativas Pedagógicas* (Universidade de Buenos Aires / Argentina).

de Experiências Pedagógicas (SUÁREZ, 2016), um processo de investigativo-formativo desenvolvido pelo grupo *Memoria Docente y Documentación Pedagógica*, da Universidade de Buenos Aires (Argentina). Antes de me formar com esse grupo, eu não imaginava que poderia escrever e publicar textos que compartilhassem minha experiência como professora de uma maneira diferente daquela que encontramos nos relatos de experiência convencionais. Com esse grupo, aprendi a escrever, em oficinas de leitura, escrita e edição pedagógica, um tipo de texto denominado “relato de experiência pedagógica” (SUÁREZ *et al*, 2021). A seguir, apresento um trecho de minha tese, em que conto como foi essa experiência coletiva de escrever relatos (narrativas):

[...] Nossas palavras eram consideradas legítimas como experiência. Os sentidos de nossas palavras eram cuidadosamente indagados para servir ao relato de nossas experiências pedagógicas, de tal maneira que não tínhamos que prestar reverência a nenhum postulado ou filiação teórica, tampouco preocupar-nos com algum pré-julgamento advindo de nossas práticas. Éramos um grupo de docentes que, escrevendo, refletindo e conversando sobre nossas escritas, sob determinadas condições e com uma série de cuidados metodológicos tomados, e ensinados, pela equipe de investigação e coordenação do processo, aprendíamos a reconhecer e refletir sobre a autenticidade de nossas experiências, em um esforço de superação do medo – ou do autoritarismo – de dizer nossa palavra. Com isso, outros sentidos e interpretações de nossa experiência educacional se desanuviavam, se reconstruíam, se reelaboravam. Com isso, escolhíamos manter as palavras no relato, retirar ou colocar as aspas delas, ou simplesmente escolher outras palavras que pudessem expressar os (novos) sentidos compartilhados (FARIA, 2018, p. 138).

Essa experiência de escrita narrativa compartilhada com colegas de profissão foi tão marcante que, ao retornar da Argentina, passei a colaborar com processos de escrita narrativa de docentes e monitores de minha escola (FARIA *et al*, 2022; FARIA; SILVEIRA, 2023; SILVA *et al*, 2022; SILVEIRA, FARIA, 2023). Em 2019, constituí um grupo de pesquisa na UFMG: o Laboratório de Pesquisa em Experiências de Formação e Narrativas de Si (LapenSI) e me conectei com pessoas do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada (GEPEC) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Esse grupo tem larga experiência com processos de pesquisa e formação envolvendo as “narrativas

pedagógicas” (PRADO, 2013). Em 2022, realizei minha pesquisa de pós-doutorado junto a esse grupo, o que me permitiu construir uma compreensão mais ampla do que são as narrativas pedagógicas e perceber que os “relatos de experiência pedagógica” produzidos na Argentina ou que os “relatos de experiência de formação” produzidos em minha tese são dois tipos específicos de narrativa pedagógica.

Com o GEPEC, pude compreender que as narrativas pedagógicas, de um modo geral, são textos escritos por nós, educadoras e educadores, com a intenção de compartilhar os acontecimentos que nos marcam ou nos afetam em nosso cotidiano de trabalho e refletir com nossos pares a respeito de nossas experiências pedagógicas. Elas costumam ser escritas de um modo bem pessoal, contando histórias que vivenciamos nos diferentes lugares em que trabalhamos, pesquisamos e/ou estudamos. Não possuem um formato preestabelecido, podendo ser escritas em diferentes gêneros textuais: diários, memoriais, cartas, contos, relatos de experiência pedagógica, relatos de experiência de formação, pipocas pedagógicas<sup>2</sup> etc. (Diário de Pesquisa de Pós-Doutorado).

Podemos dizer que as narrativas pedagógicas possibilitam uma escrita mais livre do que aquela que é proposta nos relatos de experiência convencionais, pois sua centralidade está na história a ser contada e nos sentimentos, percepções, posicionamentos e reflexões de quem a escreve. Uso a expressão “relato de experiência convencional” para fazer menção a uma modalidade de texto comum em eventos acadêmicos e em periódicos da área de educação. Menciono esse tipo de texto porque gostaria de te provocar a pensar no que poderia ser um relato de experiência, para além do que já conhecemos.

Se focalizarmos os eventos acadêmicos, por exemplo, há duas modalidades recorrentes de submissão de trabalhos: a comunicação científica e o relato de experiência. Geralmente se exige que o relato de experiência seja escrito em uma estrutura previamente estabelecida, por exemplo: introdução, objetivos,

2 Um dos tipos de narrativa pedagógica estudados pelo GEPEC denomina-se “pipoca pedagógica”. Ele é caracterizado por ser uma pequena história que narra acontecimentos inusitados do cotidiano escolar, mostrando a força das relações não indiferentes entre educadores e educandos e reverberando, com amorosidade, as vozes dos sujeitos da educação (PRADO *et al*, 2023). Vale a pena conhecer a coletânea de livros produzidos por esse grupo com essas pipocas, pois elas nos inspiram a olhar para nosso cotidiano de trabalho de um modo reflexivo e a escrever nossas próprias pipocas. Afinal, ler uma pipoca faz pipocar a lembrança de outras histórias vividas.

referencial teórico, metodologia, resultados, conclusões e referências. É como se o relato de experiência fosse uma espécie de caricatura da comunicação científica, um texto que se propõe a ser diferente, mas que, para ser aceito, precisa se enquadrar na mesma estrutura. Não se reconhece, na sua denominação, que o relato (a narrativa) pode ser um modo de investigar e conhecer o mundo (algo científico) e, na sua estrutura, que a narrativa pode se configurar de diferentes maneiras.

Isso me faz lembrar de Paul Ricoeur, um autor muito importante para o campo das abordagens (auto)biográficas e narrativas em educação, que nos ensina que a narrativa é mais do que uma sucessão de acontecimentos. Ela é uma operação de síntese que fazemos entre elementos heterogêneos do mundo da vida, um processo criativo que configura um enredo para a história que é contada (RICOEUR, 2010). Pensando com Ricoeur, podemos dizer que, diante de múltiplos eventos e incidentes que atravessam nossas vidas, acionamos nossa memória e nossa imaginação para selecionar, relacionar e integrar aqueles que importam para configurar as histórias que queremos contar.

Talvez eu tenha exagerado na crítica que fiz ao modo de se propor a escrita de relatos de experiência nos eventos acadêmicos. Mas foi proposital, porque quero enfatizar uma ideia de *experiência* que é muito importante para o campo pedagógico e para a escrita de narrativas pedagógicas. É claro que os relatos de experiência convencionais são relevantes para a produção acadêmica e podem ser uma forma de se narrar o vivido. No entanto, a estruturação prévia da forma do relato exige uma sistematização e uma ideia de planejamento e encadeamento teórico-metodológico que nem sempre é compatível com a experiência que nos marca a tal ponto de desejarmos compartilhá-la. Essa estruturação pode, inclusive, nos inibir de contar, com palavras e modos de interpretação do vivido que fazem sentido para nós e para nossa comunidade, as histórias que inesperadamente vivenciamos em nossos cotidianos.

A centralidade da narrativa está na *experiência* de quem narra, experiência entendida como “algo que nos passa, nos acontece, nos toca” (LARROSA, 2002). O autor Jorge Larrosa nos ajuda a pensar na experiência educativa como algo aberto, a ser explorado, a fazer sentido(s) na medida em que nos permitimos ser atravessados pelos acontecimentos. Ele diz que o sujeito da experiência é um “sujeito passional”, um “território de passagem”, um “sujeito da formação e da transformação” (LARROSA, 2014). Nessa perspectiva, a experiência não pode ser planejada, capturada ou representada por categorias prévias.

Daí que escrever uma narrativa pedagógica é permitir que as palavras que escolhemos para contar nossas histórias possam nos (trans)formar pela via da sensibilidade, da afetividade, da intuição, do pensamento e da imaginação. É permitir que não nos aprisionemos na ideia de que, como professoras, devemos estar sempre prontas a agir, a emitir opinião ou a dar respostas a tudo que vivenciamos. A experiência nos coloca também no lugar da pausa, da observação, da escuta, da reflexão e da falta de respostas para os fenômenos educativos. Desse modo, narrar a experiência pedagógica não é possível se não reconhecemos nossas fragilidades e se não nos deixamos surpreender pelo encontro com o outro, pelos pequenos gestos do cotidiano, pelo sabor e pelo dissabor das palavras e pela possibilidade de que novos sentidos sejam construídos para o que acontece e *nos* acontece.

Mas como as reflexões que trago a esta carta podem nos ajudar a escrever narrativas pedagógicas? Compartilho com você mais um trecho do meu Diário de Pesquisa de Pós-Doutorado, no qual apresento algumas perguntas que você pode se fazer antes de começar a escrever sua narrativa:

A experiência com o Grupo de Terça do GEPEC tem me ajudado a compreender como as narrativas ocupam um lugar privilegiado para que nós, professoras da educação básica, possamos relatar nossas experiências com todas as nuances e singularidades que são próprias dos nossos cotidianos escolares. Quando escrevemos uma narrativa, contamos uma história e tudo o que colocamos no texto está a serviço de reconstruir seus acontecimentos e torná-la compreensível para a leitora (e

para nós mesmas, pois a história vai ganhando forma no próprio processo de escrevê-la). Se nossa leitora é uma colega professora, interessa contar a ela o que e como as coisas aconteceram, quais eram as nossas intenções, se consultamos algum texto ou material, se nosso trabalho teve alguns frutos... Mas não apenas isso (e não necessariamente nessa ordem). Outras dimensões da experiência podem ser trazidas ao texto: Como nos sentimos? Que expectativas ou dúvidas tínhamos? O que ou quem nos inspirou ou motivou? Que condições tivemos para realizar nosso trabalho? Recebemos ajuda de alguém? Alguém ou algo nos atrapalhou? O que essa experiência pedagógica nos ensinou ou nos fez pensar? Houve algo que nos surpreendeu? Houve tensões, vazios, frustrações? Nossos/as alunos/as disseram ou perguntaram algo que nos marcou? Imaginamos fazer diferente da próxima vez? É nosso desejo que haja uma próxima vez? Esses são apenas alguns exemplos de perguntas que podemos nos fazer enquanto escrevemos, a depender do tipo de história que contamos e do modo como nós mesmas a experienciamos (Diário de Pesquisa de Pós-Doutorado).

Veja que esse tipo de questionamento nos humaniza, nos ajuda a rememorar as situações vividas sob diferentes pontos de vista e a reconhecer que, embora nossas experiências pedagógicas potencializem a construção de saberes profissionais, também padecemos de não-saberes ao vivenciá-las e ao refletir sobre elas. Isso pode nos ajudar a lidar com uma situação muito comum no ambiente acadêmico e que eu procurei relatar em outro texto que escrevi, juntamente com as professoras Inês Bragança e Luciane Pezzato:

[...] quando estamos diante de uma tela ou de uma folha de papel, seja para narrar uma experiência pedagógica, seja para escrever qualquer tipo de texto que envolve a docência, a pesquisa e a formação, é muito comum que algo bloqueie nossa escrita. Nessa situação, podemos sentir incapacidade (pensar que “não sabemos escrever”) ou desvalorizar nossa experiência e nossas reflexões (sentindo que “não temos algo importante a dizer”). Diante do desconforto causado por esse “bloqueio”, desistimos de escrever ou insistimos em buscar “o que dizer” por meio da palavra dos outros, procurando refúgio nas ideias de outros autores e tornando o texto tão impessoal que não se pode reconhecer experiência alguma em seu conteúdo. Há ainda aquelas situações em que escrevemos algo mais parecido com um relatório do que com um relato, recorrendo a um estilo de escrita que é muito comum em documentos exigidos no trabalho cotidiano das escolas e cuja existência apresenta-se-nos, muitas vezes, sem sentido (BRAGANÇA; FARIA; PEZZATO, 2023, p. 15).

Como eu já passei por essa experiência de bloqueio na escrita, imagino que, talvez, você enfrente a mesma dificuldade para começar a escrever. Pensando nisso, compartilho com você o *link*<sup>3</sup> de um vídeo (FARIA; FONSECA, 2022) que gravei para auxiliar os participantes do I Simpósio Brasileiro de Educação Matemática com Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (realizado em 2022 no Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo) a inscreverem narrativas pedagógicas no evento. Desejo que esse vídeo seja uma singela contribuição a seu processo de escrita.

Finalizo esta carta dizendo que compartilhar nossas experiências pedagógicas, conversar sobre elas e participar ativamente da escrita de narrativas que reconstruam, fortaleçam e tornem públicos nossos saberes (e não-saberes) são grandes contribuições que temos a dar para o campo da educação.

Espero que este texto cumpra bem a missão de te motivar e te auxiliar a colaborar com essa rede de partilhas!

Um grande abraço da Juliana.

## REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, I. F. de S.; FARIA, J. B.; PEZZATO, L. M. Refletindo sobre Possibilidades de Pesquisa-formação no Curso de Pedagogia: Diários e Narrativas Pedagógicas. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 21, p. 1-22, 2023. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.23925/1809-3876.2023v21e55681>. Acesso em: 09 jun. 2023.

FARIA, J. B. **O naufrágio, o baile e a narrativa de uma pesquisa: experiências de formação de sujeitos em imersão docente**. Tese (Doutorado). 2018. 385 f. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2018. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-BA8PTQ>. Acesso em: 09 jun. 2023.

---

3 <https://www.youtube.com/watch?v=2m-4OizBz00>.

FARIA, J. B.; FERREIRA, A. R. C.; ARAÚJO, D. A. de; REIS, D. A. de F.; COSTA, R. A.; AMÂNCIO, R. A.; CORREIA, W. M. Precisamos de afeto para (re)encontrar o fio da meada. **Revista do Centro Pedagógico**, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v.0, n.1, p. 14-21, 2022. Disponível em: <https://www.cp.ufmg.br/editora-cp-2/revista-volume-0/>. Acesso em: 24 jan. 2023

FARIA, J. B.; FONSECA, M. da C. F. R. **Narrativas Pedagógicas no I Simpósio Brasileiro de Educação Matemática com Pessoas Jovens, Adultas e Idosas**. Youtube, 03 ago 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2m-4OizBz00>. Acesso em: 9 jun. 2023.

FARIA, J. B.; SILVEIRA, H. M. M. L. O Trabalho colaborativo entre professoras de Matemática e de Português que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental. **REVISTA INTERINSTITUCIONAL ARTES DE EDUCAR**, dos Programas de Pós-graduação em Educação da UERJ/FFP, da UFRRJ/IM-IE e da UNIRIO. Dossiê: Processos formativos na docência de professores (as) que ensinam Matemática na Educação Infantil e/ou anos iniciais do Ensino Fundamental. Rio de Janeiro, v.9, n.1 - p.10-29, jan-abr de 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/riae.2023.70706>. Acesso em: 09 ago. 2023.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, p. 20-28.

LARROSA, J. **Tremores: Escritos sobre experiência**. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PRADO, G. do V. T. Narrativas pedagógicas: indícios de conhecimentos docentes e desenvolvimento pessoal e profissional. In: **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.4, n.10, p.149-165, 2013. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/537>. Acesso em: 22 dez. 2022.

PRADO, G. do V. T.; SERODIO, L. A.; SIMAS, V. F.; CAMPOS, C. M.; FARIAS, M. N. de O.; BRAZ, R. (Orgs.). **Pipocas pedagógicas V: narrativas outras da escola**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

RICOEUR, P. A vida: uma narrativa em busca de narrador. In: RICOEUR, Paul. **Escritos e Conferências 1: Em torno da Psicanálise**. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 197-211.



SILVA, A. P. P. e; FARIA, J. B.; FARIA, E. S. de; MENEZES, E. C. de. A experiência de coordenar o Programa Imersão Docente no ensino remoto emergencial. **Revista do Centro Pedagógico**, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v.0, n.1, p. 42-49, 2022. Disponível em: <https://www.cp.ufmg.br/editora-cp-2/revista-volume-0/>. Acesso em: 24 jan. 2023.

SILVEIRA, H. M. M. L.; FARIA, J. B. Desenhando a cor e o tamanho: reflexões pedagógicas sobre a produção de um material para alfabetização de um estudante público-alvo da educação especial. **Anais**, XXI Endipe - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino: Eixo 8 - "A Didática, Práticas de Ensino, Educação das Relações Étnico-raciais, Diversidade e Inclusão Escolar". Uberlândia: FAGED/UFU, 2023, p. 795-803. Disponível em: <http://xxiendipe.com.br/anais-virtual>. Acesso em: 09 jun. 2023.

SUÁREZ, D. H. Escribir, leer y conversar entre docentes en torno de relatos de experiencia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 03, p. 480-497, set/dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2999>. Acesso em: 12 ago. 2022.

SUÁREZ, D. H.; DÁVILA, P.; ARGNANI, A.; CARESSA, Y. **Documentación narrativa de experiencias pedagógicas: una propuesta de investigación-formación-acción entre docentes**. Buenos Aires: FFyL/UBA, 2021. Disponível em: <http://publicaciones.filo.uba.ar/sites/publicaciones.filo.uba.ar/files/Documentacion%CC%81n%20narrativa%20de%20experiencias%20pedago%CC%81gicas.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2022.